

Bernardo Valdês Paços · Mar Pérez Fra · Ana I. García Arias

Umha quantificação da dependência agroalimentar exterior da Galiza a partir das tabelas input-output 1998 e 2005ⁱ

Recibido: 27 xullo 2012 / Aceptado: 29 outubro 2012
© IBADER- Universidade de Santiago de Compostela 2012

Rascunho O obxectivo deste traballo é realizar unha primeira achega á quantificación da dependencia agroalimentar galega do exterior utilizando como fonte os datos das tabelas input-output de 1998 e 2005. As tabelas input-output son un instrumento privilegiado para analizar a dependencia alimentar do exterior dumha economía subestatal como a galega porque informam do conxunto do comercio exterior non só de fóra do Estado Español senom que tamém ofrecen datos dos intercambios com outras áreas do Estado. É un facto conhecido o peso que tem a actividade agraria na economía galega, especialmente em termos de emprego. A pesar desta relevancia quantitativa, o noso país apresenta umha balança exterior agroalimentaria fortemente deficitaria. Em 2005 Galiza apresentava um acusado déficit e a taxa de cobertura (exportações/importações) situava-se arredor de dous terços. Este déficit deve-se basicamente aos produtos vegetais, tanto elaborados como sem elaborar. A pesar da especialización gandeira también apresentam um saldo negativo produtos transformados de preparados cárnicos e inclusive os derivados lácteos pondo de manifesto o escasso desenvolvemento do sector agroindustrial galego. Os resultados ofrecidos permitem pôr em causa as orientações da política agroalimentaria que acentuáron a dependência exterior e mesmo ponhem em risco o modelo gandeiro no que se asentou a especialización da agricultura galega.

Palavras chave Cadeia agro-alimentar, segurança agro-alimentar, metodologia input-output, Galiza, Comercio Exterior.

Abstract This paper aims to quantify the dependence from abroad of the Galician agri-food system using data from input-output tables 1998-2005. The input-output tables are a sound instrument for analyzing food dependence of a regional economy as Galicia since they offer information for the whole foreign trade including regions inside the Spanish State. Despite the quantitative relevance of agriculture in Galician economy -especially in terms of employment- the Commercial Balance for food products presents a deep deficit. In 2005 the coverage rate (exports/imports) stood surroundings of two-thirds. This deficit is largely due to vegetable products, both for human consumption and for animal consumption, and products made of vegetable origin. In spite of their cattle specialization Galicia also have a negative balance of processed products including prepared meat and milk derived. This fact underlines the scarce development of the agro-industrial sector in Galicia. The results of input-output tables about the agri-food deficit evolution put into question the followed orientations of our agricultural policy. This policy doesn't counteract the external dependency and put into risk the specialization model of Galician agriculture.

Key words Agri-food chain, food sovereignty, input-output methodology, Galician Economy, External Trade.

Bernardo Valdês Paços · Mar Pérez Fra · Ana I. García Arias
Escola Politécnica Superior
Área de Economía Socioloxía e Política Agraria
Avda Benigno Ledo s/n
27002 Lugo

Ana I. García
Tel: 982-823226
E-mail: anaisabel.garcia@usc.es

Introduçom

O conceito de segurança alimentar foi evoluindo ao longo do tempo. A Declaração Universal dos Direitos Humanos aprovada polas Nações Unidas (1948) no seu art. 25.1 proclama que "toda pessoa tem direito a um padrom de vida capaz de assegurar a si e a sua familia saúde e bem-estar, inclusive alimentación,...". No ano 1996 a FAO na Declaração de Roma sobre segurança alimentar define a

ⁱ: Umha versom preliminar deste artigo foi apresentada no IV Congreso Internacional de Agroecología e Agricultura Ecológica celebrado em Vigo em Junho de 2012.

existência de segurança alimentar quando todas as pessoas têm acesso em todo momento a uma quantidade suficiente de alimentos inócuos e nutritivos para ter uma vida activa e saudável (Golay 2009). Pelo tanto, e em qualquer caso a segurança alimentar é um conceito que inclui quatro dimensões principais: disponibilidade, acesso, utilização e estabilidade.

Nas últimas décadas, ao tempo que avançava a mundialização, desde os Estados centrais e também desde organismos internacionais como o Banco Mundial ou o GATT/OMC primou-se uma abordagem centrada nos mecanismos de mercado como principal ferramenta para garantir a segurança alimentar, incluindo o abastecimento nos mercados internacionais.

A experiência recente sem embargo evidencia os perigos de manter uma forte dependência dos mercados internacionais para o abastecimento agroalimentar. Afectando à estabilidade na subministração e dificultando/impossibilitando o acesso pelo encarecimento. As duas bolhas nas quotizações internacionais das principais *commodities* agroalimentares (finais de 2007-começos de 2008 e finais de 2010) supugêrom uma ameaça à segurança alimentar (Gráfico 1), especialmente grave para os países com menores níveis de rendimento per capita e fortemente dependentes das importações para a sua alimentação, dando lugar a um forte incremento na factura destas importações ao tempo que descende a quantidade física importada. A própria FAO, referindo-se à bolha de 2006-2008, reconhece que “los países más expuestos a las fluctuaciones de los precios en los mercados internacionales eran en general los países pobres importadores de alimentos: disponían de escasas reservas y recursos presupuestarios insuficientes para adquirir alimentos a precios altos; tampoco tenían la opción de imponer restricciones a las exportaciones. Estos países fueron los principales perjudicados por la crisis ya que los precios internos de los alimentos básicos aumentaron considerablemente en sus mercados”. (FAO, 2011)

Este encarecimento dá lugar à sua vez a que a população procure alternativas alimentares mais baratas embora em muitos casos sejam dumha pior qualidade nutritiva (Graziano da Silva, J. e Tavares, L., 2008)

Dito isto, é preciso apontar que a declaração do Foro Mundial da Soberania Alimentar da Havana de 2001 explicita também que a soberania alimentar nom pode ser entendida como *autarquia, autosuficiência plena ou a desaparición do comércio agroalimentar*. A soberania alimentar é um conceito político, nom contável, e em termos políticos cabe entendê-lo como *o direito dos povos a definir as suas próprias políticas e estratégias sustentáveis de produção, distribuição e consumo de alimentos*. Embora nom seja correto abordar a soberania alimentar a partir dumha aproximação unicamente quantitativa, utilizando os fluxos do comércio exterior, tampouco o seria pensar na soberania alimentar fazendo abstracção da maior ou menor dependência do mercado exterior para o abastecimento alimentar.

Nesta perspectiva situa-se o presente trabalho, o seu objetivo é avaliar a dependência agroalimentar galega do exterior. Medindo esta dependência nom em termos de componentes nutritivos, mas em termos de valor. Ao longo das últimas três décadas a economia galega e em particular o sector agroalimentar experimentárom uma crescente abertura comercial internacional fruto dos câmbios no marco institucional: a integração na Comunidade Européia (posteriormente União Européia), as reformas da PAC ou o acordo final na Rolda Uruguai do GATT. Evidentemente a situação da Galiza nom é dos países aos que a FAO se referia na cita anterior. Contudo, e como veremos posteriormente, a dependência do exterior fixo que as altas de preços também tivessem notáveis repercusões na agricultura galega. Este feito assim como a própria evolução do déficit agroalimentar ponhem em causa as orientações da política agroalimentar seguidas na Galiza que acentuárom a dependência exterior com os consequentes riscos.

Material e métodos

Para quantificar os fluxos agroalimentares com o exterior utilizamos as tabelas input-output, em concreto o Marco Input-Output da Galiza 2005 elaborado polo IGE (no sucessivo MIOGA-2005), comparando estes dados com os de 1998. Porém os câmbios metodológicos obrigam a

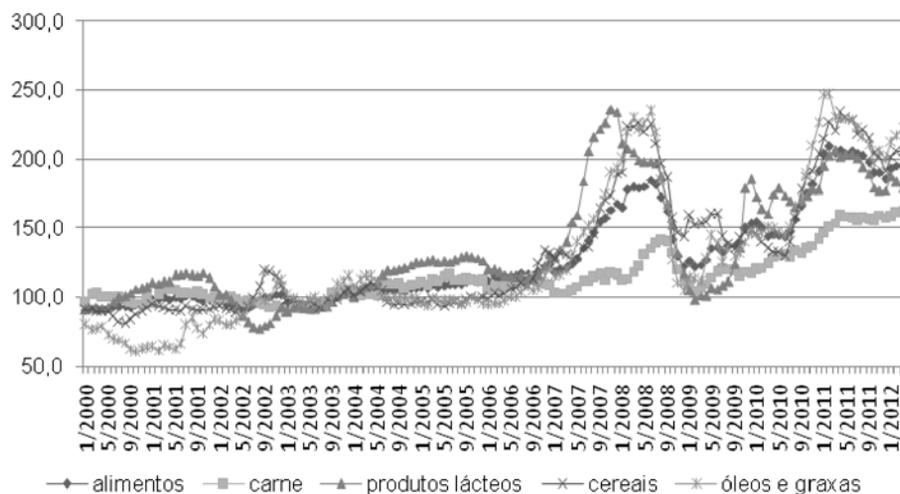


Gráfico 1. - Índizes da FAO sobre preços dos alimentos. Evolução em termos reais; índices base 2002-2004=100. Fonte: elaboração própria a partir dos dados da FAO

realizar com precaução esta comparação, fixando-nos não tanto na variação exacta das magnitudes mas nas tendências.

O Sistema Europeu de Contas oferece normas contábeis homogêneas e sustenta o emprego do método Input-Output (I-O), um sistema de tabelas relacionadas que tratam de representar o fluxo económico entre os distintos sectores produtivos. As unidades de produção agrupam-se em ramos homogêneas e recolhem o fluxo entre elas, assim como a distribuição do valor acrescentado entre os factores de produção.

A metodologia input-output desenvolvida por Leontief nos anos 40 (Leontief, 1986) representa uma valiosa ferramenta para a análise dos sistemas produtivos já que supõe a aplicação do conceito de sistema à economia. O economista tem a possibilidade de discernir os efeitos dumha actividade produtiva sobre o resto podendo desagregar os efeitos por sectores e agentes económicos. A informação organiza-se em forma de matriz onde se representam as interrelações entre os diferentes sectores incluindo os fogares e a produção vendida ao exterior.

As tabelas input-output são um instrumento privilegiado para analisar a dependência alimentar do exterior dumha economia subestatal (Llano Verduras, 2004) como a galega porque, a diferença doutras fontes estatísticas referidas ao comércio exterior, não informa unicamente dos intercâmbios com o exterior do Estado Espanhol senão que também oferece dados dos intercâmbios com outras áreas do Estado. Ademais no caso concreto dos fluxos com o exterior do Estado estes dados contrastaram-se com os do Departamento de Alfândegas da Agência Tributaria.

Resultados e discusión

É um facto amplamente conhecido que o processo de crescimento económico dá lugar a umha perda de peso do sector agrícola no conjunto da economia. A isto contribue a crescente integração mercantil do sector agrícola. Precisamente os alimentos adquiridos polos consumidores

são, cada vez em maior medida, gerados pola indústria. Esta perda de peso da agricultura frente às actividades de transformação industrial fixo que a Economia Agrária dirigisse a sua atenção para o conjunto de actividades relacionadas com a agro-indústria. Destarte L. Malassis (1979) formula o conceito de sistema agro-alimentar e define-o como o conjunto de actividades económicas que servem para satisfazer as necessidades alimentares da população.

Galiza não foi alheia a esta evolução. Segundo a MIOGA-2005 o gasto em consumo final em produtos agrícolas ou gadeiros ascendeu a 893 milhões de euros a preços de aquisição enquanto as despesas em consumo final em transformados ascenderam a perto de 4.000 milhões de euros. Tendo em conta isto a nossa análise não pode referir-se unicamente aos produtos agrícolas sem transformar senão que deve incluir o conjunto de produtos agroalimentares, procedentes da agricultura ou da indústria alimentar.

O comércio externo agroalimentar da Galiza

a) As importações

Segundo o MIOGA-2005 as importações de produtos agroalimentares representam quase umha terça parte (32,5%) da oferta interior destes produtos (tabela 1). As importações supõem mais de 50% do abastecimento interior nos produtos transformados para consumo humano derivados de matérias-primas vegetais (vinho; frutas e hortaliças preparadas e em conserva; graxas e óleos vegetais; produtos do moinho, amidos e amiláceos), mas também nos produtos cárneos, superam 40% nos produtos vegetais sem transformar e inclusive nos derivados lácteos se aproximam a esse 40%. Unicamente em quatro categorias de produtos as importações não alcançam 30% da oferta interior: produtos gadeiros, carne fresca, refrigerada ou congelada, leite de consumo e alimentos preparados para animais.

	2005		1998	
	Importações /oferta (%)	Exportações /empregos (%)	Importações /oferta (%)	Exportações /empregos (%)
Produtos agrícolas	42,8%	7,2%	50,0%	17,6%
Produtos gadeiros	4,7%	33,7%	1,0%	26,4%
Carne fresca, refrigerada ou congelada	11,2%	20,9%	33,1%	29,3%
Produtos cárneos	65,5%	7,4%	58,5%	26,3%
Leite de consumo	9,5%	53,8%	5,1%	62,2%
Derivados lácteos e gados	36,9%	33,8%	22,2%	60,7%
Alimentos preparados para animais	6,0%	14,8%	7,8%	33,8%
Vinho (em 1998 vinho e bebidas alcoólicas)	56,4%	12,4%	62,1%	17,2%
Outras bebidas alcoólicas	37,3%	24,3%		
Águas minerais e bebidas sem álcool	38,7%	8,2%	27,0%	18,0%
Frutas e hortaliças, prep. e em conserva	61,5%	7,0%	46,5%	32,4%
Graxas e óleos vegetais ou animais	63,2%	15,3%	57,5%	51,9%
Prod. do moinho, amidos e amiláceos	75,3%	7,0%	90,6%	35,3%
Outros produtos alimentares	56,8%	6,3%	45,5%	24,8%
Tabaco manufacturado	100,0%		55,7%	43,6%
Total Complexo de Produção Agroalimentar	32,5%	18,7%	30,0%	32,8%

Tabela 1.- Índices importações/oferta e exportações/empregos. Galiza 1998 e 2005. Fonte: elaboração própria a partir de IGE, Marco Input-Output de Galicia 1998 e 2005

É habitual que numha economia de âmbito inferior ao estatal as importações representem umha parte importante da oferta interior. Agora bem, é necessário salientar que em comparação com 1998 observa-se um incremento no peso das importações na oferta interna, de 30% a 32,5%. Ademais este incremento continua a tendência observada na década de noventa. Segundo as tabelas input-output de 1990 as importações representavam 24,5% da oferta interior (Valdês. B. e López, E., 2008) nessa data, embora as comparações devam ser tomadas com precaução polos câmbios metodológicos.

b) As exportações

As exportações supõem 18,7% dos empregos dos produtos agroalimentários em 2005 (tabela 1). O peso das exportações é maior nos produtos de origem gadeira (tanto elaborados como sem elaborar) como corresponde à especialização gadeira da agricultura galega. Destacam o leite de consumo (53,8%), os derivados lácteos (33,8%) e os produtos gadeiros (33,7%).

Comparando estas cifras com as de 1998 destaca a forte redução da importância relativa das exportações, (de 32,8% dos empregos em 1998 ao 18,7% em 2005), invertendo assim a evolução constatada no período 1990-1998

c) A balança exterior agroalimentar

Entre 1998 e 2005, o mercado externo (tanto do resto do Estado como do estrangeiro) perdeu importância como saída para os produtos agroalimentares galegos; enquanto os bens importados (do resto do Estado e/ou do estrangeiro) foram ganhando quota de mercado na Galiza (tabela 2). O que implicou em termos líquidos umha importante diminuição do nível de auto-abastecimento.

Como consequência disso, em 2005 o comércio agroalimentar de Galiza apresentava um déficit de 895 milhões de euros. A taxa de cobertura era de 68,4%, isto é, as exportações cobriram pouco mais de 2/3 das importações. A maior parte do nosso comércio agroalimentar (mais de 80% das exportações e importações) tivo lugar com o resto do Estado, sendo aqui onde se concentrou mais de 80% do déficit global. Porém a interpretação deste dado deve ser feita com precaução porque nesta partida podem-se incluir produtos procedentes de fora do Estado, mas importados por empresas com sede fora da Galiza.

Os intercâmbios fora do EE também apresentavam um saldo negativo, pequeno com o resto da UE e muito mais importante com o resto do mundo onde as exportações só cobriam 1/5 das importações (tabela 2).

Por produtos o déficit centrava-se nos produtos agrícolas sem transformar, tanto os destinados ao consumo humano como os utilizados para a elaboração de rações para o gado, e nos produtos elaborados de origem vegetal. Unicamente existia um superávit nos produtos gadeiros sem transformar, no leite de consumo, na carne fresca, refrigerada ou congelada e nos alimentos para animais.

É obrigado assinalar um facto especialmente chamativo, dentro dos derivados gadeiros destaca o menor peso relativo das exportações e a maior importância das importações nos produtos carnes e derivados lácteos em comparação, respectivamente, com a carne fresca, refrigerada ou congelada e com o leite de consumo. O resultado é que enquanto Galiza registra um saldo comercial exterior positivo no leite embalado e na carne fresca, apresenta um saldo ligeiramente negativo nos derivados lácteos e fortemente negativo nos produtos carnes. Estes dados evidenciam a extrema debilidade da indústria alimentar radicada na Galiza nos derivados que geram um maior valor acrescentado e que também som em boa medida os que contam com umha procura mais dinâmica.

d) A evolução entre 1998 e 2005

A comparação com os dados de 1998 mostra que nesse período se acelerou o crescimento do déficit exterior agroalimentar que já se observava entre 1990 e 1998 (Valdês, B. e López, E., 2008). O saldo negativo da balança agroalimentar em 2005 multiplicava por 4,5 o que havia em 1998, e neste período a taxa de cobertura diminuiu 20 pontos: de 88,9% a 68,4%. Em termos absolutos foram os intercâmbios com o resto do Estado os que experimentaram um maior incremento do déficit, que passou de 215 milhões de euros em 1998 a 730 em 2005, baixando a taxa de cobertura do 85,5% ao 68,8%. Sem embargo em termos relativos o deterioro mais acusado deu-se no comércio com o resto da UE, que passou dum forte superávit em 1998 a um saldo ligeiramente negativo em 2005. Com o resto do mundo a situação permaneceu mais estável, mantendo em todo caso umha taxa de cobertura muito baixa, 20,2% em 2005. À hora de interpretar estes dados devemos ter em conta que o 1º de maio de 2004 a UE se ampliou com a adesão de dez novos Estados, pelo que os dados de 1998 e 2005 não são perfeitamente comparáveis quando falamos do resto da UE ou do resto do mundo.

Por produtos, entre os que tinham um saldo positivo em 1998 unicamente aumentou o superávit comercial no período 1998-2005 dos produtos gadeiros sem elaborar e do leite de consumo; sendo de salientar também a evolução positiva na carne fresca, refrigerada ou congelada, que passou dum déficit a um importante superávit. No sentido contrário, experimentaram um notável deterioro da balança comercial os produtos carnes e os derivados lácteos, isto é os produtos de maior valor acrescentado; o que no primeiro caso se traduziu numha forte ampliação do déficit existente em 1998, enquanto que no segundo levou a passar dum claro superávit a um pequeno saldo negativo. De todos modos, a forte ampliação do déficit global da balança agroalimentar deveu-se principalmente aos produtos transformados de origem vegetal (frutas e hortaliças preparadas e em conserva, graxas e aceites, outros produtos alimentares e tabaco), junto às águas minerais e outras bebidas sem álcool. Neste âmbito só se constata umha evolução positiva, com umha redução do déficit inicial, no vinho.

Dado o intenso deterioro da balança agroalimentar que mostram esses dados, consideramos conveniente contrastá-los com outras fontes estatísticas. Nom obstante, esta é umha difícil tarefa. De facto é impossível para o comércio com outras Comunidades Autónomasⁱⁱ, onde se concentrou a maior parte da ampliação do déficit. Para os intercâmbios com o exterior do Estado si contamos com

dados anuais, procedentes do Departamento de Alfândegas da Agência Tributária.

As cifras confirmam que o saldo da balança agroalimentar da Galiza com o exterior do Estado se deteriorou no período 1998-2005, passando dum ligeiro superávit a um claro déficitⁱⁱⁱ.

A. Saldo (exportações-importações) (miles euros)				
	Resto do Estado	Resto da U.E.	Resto do Mundo	Total
Produtos agrícolas	-206.265	-50.497	-86.657	-343.419
Produtos gadeiros	416.848	16.661	631	434.140
Carne fresca, refrigerada ou congelada	61.309	60.008	35	121.352
Produtos cárneos	-215.948	5.852	320	-209.776
Leite de consumo	354.277	537	10	354.824
Derivados lácteos e geados	-6.424	-9.646	4.353	-11.717
Alimentos preparados para animais	69.978	7.039	-18.439	58.578
Vinho (em 1998 vinho e bebidas alcoólicas)	-142.919	3.717	15.450	-123.752
Outras bebidas alcoólicas	-33.991	8.616	-3.023	-28.398
Águas minerais e bebidas sem álcool	-126.711	1.732	488	-124.491
Frutas e hortaliças, prep. e em conserva	-58.406	915	-6.087	-63.578
Graxas e óleos vegetais ou animais	-188.524	5.804	-44.294	-227.014
Prod. do moinho, amidos e amiláceos	-97.390	-4.654	-140	-102.184
Outros produtos alimentares	-505.399	9.268	-2.750	-498.881
Tabaco manufacturado	-50.490	-77.403	-3.483	-131.376
Total Complexo de Produção Agroalimentar	-730.055	-22.051	-143.586	-895.692
B. Taxa de cobertura (exportações/importações)(%)				
	Resto do Estado	Resto da U.E.	Resto do Mundo	Total
Produtos agrícolas	29,6%	36,6%	0,1%	25,3%
Produtos gadeiros	1577,1%	141,2%	517,9%	730,5%
Carne fresca, refrigerada ou congelada	165,6%	613,5%	101,9%	213,5%
Produtos cárneos	10,8%	685,2%		13,7%
Leite de consumo	584,5%	475,5%		584,3%
Derivados lácteos e geados	95,2%	73,6%		93,2%
Alimentos preparados para animais	575,5%	255,6%	0,5%	255,1%
Vinho (em 1998 vinho e bebidas alcoólicas)	15,3%	1024,6%	43016,7%	26,8%
Outras bebidas alcoólicas	72,5%	205,0%	14,5%	79,0%
Águas minerais e bebidas sem álcool	21,4%	155,4%		24,3%
Frutas e hortaliças, prep. e em conserva	4,9%	117,9%	10,7%	13,3%
Graxas e óleos vegetais ou animais	24,0%	153,1%	8,3%	26,1%
Prod. do moinho, amidos e amiláceos	8,6%	32,7%	39,7%	10,1%
Outros produtos alimentares	6,8%	140,7%	72,9%	13,3%
Tabaco manufacturado	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%
Total Complexo de Produção Agroalimentar	68,8%	92,9%	20,2%	68,4%

Tabela 2.- Saldo e taxa de cobertura do comércio exterior de produtos agroalimentares. Galiza 2005. Fonte: elaboração própria a partir de IGE, Marco Input-Output de Galicia 2005

ii: Sobre estes fluxos inter-regionais unicamente contamos com as estimações recolhidas na base de dados C-interreg, mas o nível de desagregação da informação nom permite examinar o que nos interessa, o comércio de bens agroalimentares.

iii: Nom obstante, a evolução negativa é de muita menor magnitude que a oferecida polo MIOGA-2005, de tal modo que o déficit estimado para 2005 limitava-se a 22 millóns de euros.

Finalmente, observa-se que o deterioro registrado entre 1998 e 2005 nom tivo continuidade nos seguintes anos. No último lustro da primeira década deste século o facto que destaca é a instabilidade, com anos nos que o saldo passou a ser novamente positivo e outros nos que foi claramente negativo.

Factores explicativos

Os dados antes expostos ponhem de manifesto a acusada dependência exterior de Galiza para garantir o seu abastecimento alimentar. Feito que é certamente assinalável numha economia como a galega, na qual a agricultura tem um peso em termos de produçom e de emprego muito superior aos países do seu entorno.

É de sinalar que esta dependência nom está causada pola orientaçom exportadora do sector agroalimentar galego. Ao contrário, as cifras mostram como entre 1998 e 2005 o incremento das importaçoms foi acompanhado por um descenso das exportaçoms. Nom existe umha dicotomia entre produzir para o consumo interno ou produzir para exportar, a questom é que papel tem a produçom doméstica

e que papel tem os mercados internacionais, como fonte de aprovisionamento ou como destino da produçom interna (Maluf, R.S. 2000). No caso galego une-se a crescente dependência do exterior com a perda de peso nos mercados exteriores.

Tendo em conta os produtos aos que se deve a maior parte do déficit podemos concluir que a forte dependência exterior tem dous elementos explicativos fundamentais: as características do processo de *modernizaçom* da agricultura galega e a inexistência dumha indústria transformadora sólida. Começemos polo primeiro destes dous elementos explicativos:

- O processo de *modernizaçom* da agricultura galega foi acompanhado dumha forte reduçom nalgumhas das principais produçoms vegetais, fundamentalmente cereais e patacas, mas também parte das hortaliças.
- O processo de especializaçom gadeira, com um forte crescimento das produçoms bovinas, mas também da carne de ave em comparaçom com mediados dos oitenta, apoiou-se em boa medida na utilizaçom de alimentos comprados para animais em cuja fabricaçom as matérias-primas importadas som fundamentais (gráficas 2 e 3).

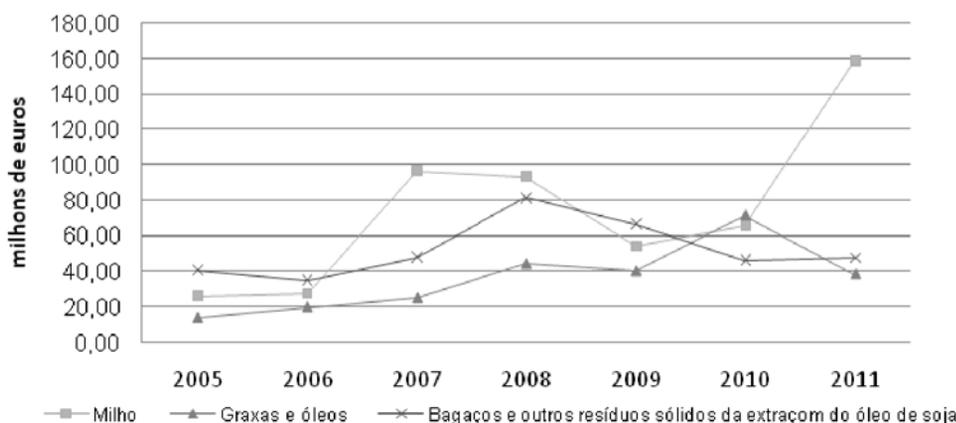


Gráfico 2.-Importaçoms galegas de fora do EE de milho, graxas e óleos e bagaços e outros resíduos sólidos da extraçom do óleo de soja. Fonte: elaboraçomprópria a partir dos dados de DataComex

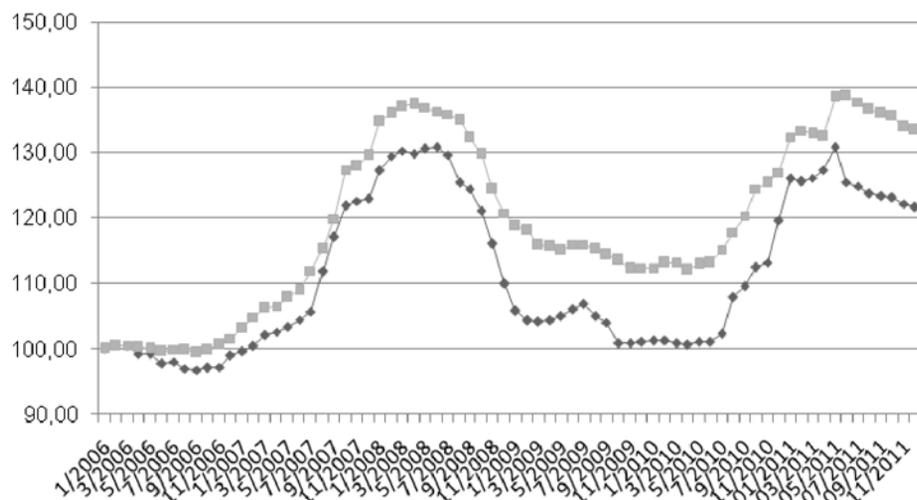


Gráfico 3.- Evoluçom dos preços dos concentrados para vacum de carne e vacum de leite no EE. Índizes base Janeiro 2006=100. Fonte: elaboraçomprópria a partir do MAAMA

Este fenómeno produz-se ao tempo que a SAU segue representando umha escassa percentagem da superfície total galega. Segundo a Conselharia do Meio Rural a superfície cultivada e a superfície a prados e pasteiros nom alcança um terço da superfície total, enquanto a superfície florestal representa dous terços, em boa parte com um escasso ou nulo aproveitamento produtivo. Este escasso peso da SAU no nosso território nom se explica já polo aproveitamento do mato, tal e como acontecia no passado. Tampouco se explica polas características do dos solos nem por razons climatológicas que impidam o desenvolvimento dumha actividade agrária. As razons temos de buscá-las no bloqueio no mercado da terra, na falta de ordenaçom territorial e na carência de políticas públicas destinadas a favorecer o aproveitamento produtivo das terras (López, E., 1996). Ao contrário durante muito tempo a política de florestaçom de terras agrárias foi um elemento central da política da Xunta da Galiza^{iv} (Garcia Arias, A.I.; Pérez Fra, M., 2001).

Para explicar o déficit da balança exterior nom chega com fazer referência às características do processo de *modernizaçom* da agricultura galega, devemos acrescentar-lhe que Galiza ocupa umha posiçom periférica na divisom internacional do trabalho agroalimentar. A debilidade da indústria alimentar radicada na Galiza é clara:

- É bem conhecida a marcada especializaçom gadeira do sector agrário galego: segundo a Conselharia do Meio Rural 67% do valor da produçom agrária procedia das produçoms gadeiras em 2008^v, pois bem umha parte importante destas produçoms som exportadas sem transformar, rompendo a cadeia produtiva e criando valor e emprego noutras zonas.

- Por outra parte, a indústria agroalimentar galega está especializada em produtos de baixo valor acrescentado, produtos que geram um menor valor acrescentado por cada unidade de matéria-prima agrária transformada e que ademais, em termos gerais som produtos com umha procura menos dinâmica.

Neste sentido é significativo que a indústria láctea radicada na Galiza apenas represente 13% das vendas da indústria láctea do Estado Espanhol quando as entregas à indústria das exploraçoms de bovino de leite galegas representam quase 40% das entregas totais de leite de vacum no EE.

O escasso desenvolvimento da agroindústria radicada na Galiza acentua a nossa dependência alimentar tendo em conta os câmbios nos padrõs do consumo, em concreto a constataçom de que o crescimento econõmico levou consigo um menor crescimento da procura de produtos agrários em comparaçom com a procura de alimentos (Efeito Malassis). Fenõmeno associado à crescente concentraçom das vendas de alimentos nas grandes empresas transnacionais, tanto da transformaçom como da distribuìçom, mas também aos câmbios nas sociedades e nos hábitos de vida (Rastoin, J-L. e Gheris, G., 2010).

Por último, dentro deste esquema nom se pode esquecer o processo de integraçom na CE/UE, a aplicaçom da PAC e das sucessivas reformas e a própria liberalizaçom dos fluxos agroalimentares do espaço comunitário com o exterior. Galiza entrou na CE/UE num momento no que a PAC passava de oferecer umha elevada garantia de preços e mercados a ser umha política na que essa garantia se reduzia, os mecanismos de control da produçom se generalizavam e posteriormente se implantava um sistema de ajudas directas ao rendimento claramente prejudicial em termos relativos para a agricultura galega.

As debilidades do modelo de produçom gadeiro

Em 2008 a produçom animal representava duas terças partes do valor da produçom da rama agrária a preços do produtor. As produçoms de vacum aportavam perto arredor do 70% do valor da produçom animal, 46% o leite e perto de 24% a carne e o gado.

Entre os anos oitenta e finais da primeira década deste século as produçoms de vacum experimentárom um forte crescimento em termos físicos e também a produçom de carne de ave e em menor medida de suíno. Um crescimento que se apoiou em boa medida no crescente peso dos alimentos comprados na alimentaçom animal. A MIOGA-2005 pom de manifesto que a rama de fabricaçom de raçons para animais importou produtos agrícolas por valor de 133 milhons de euros, quase dous terços dos produtos agrícolas que utilizava como matéria-prima. Ademais as importaçoms de graxas e azeite somavam perto de 24 milhons de euros mais. Mais de 80% da produçom de alimentos para animais se destinava ao mercado interno. Segundo dados da Conselharia do Meio Rural e do Mar referidos ao primeiro trimestre de 2011 o principal destino das raçons é o vacum com o 40% do total.

Esta dependência da produçom gadeira galega da importaçoms de matérias-primas para a fabricaçom de alimentos evidenciou os seus perigos nas recentes altas nas quotizaçoms internacionais. A suba dos preços fixo que se disparasse a factura destas importaçoms para a economia galega. O valor das importaçoms de milho de fora do EE multiplicárom-se por mais de três de 2006 a 2007, mantendo-se praticamente no mesmo nível em 2008; em 2011, acompanhando a suba das quotizaçoms internacionais, alcançárom um valor que multiplica por quase seis o de 2006. A soma das três partidas que representamos na gráfica 2 passou de 83 milhons de euros em 2006 a 220 milhons em 2008, caiu ligeiramente depois para volver a subir alcançando 245 milhons em 2011. Embora umha parte destes insumo poda ir destinado a outros usos, a produçom de biocombustíveis entre eles, e nom aos alimentos para animais.

Este incremento das quotizaçoms internacionais também se trasladou ao nível das exploraçoms. Na gráfica 3

vi: Só a partir de 2005 se iniciou um breve período que puxo fim à política de subsidiar a florestaçom de terras agrárias, ao tempo que se introduzirom critérios de ordenaçom na utilizaçom das terras e evitar o abandono. Neste senso cumpre destacar instrumentos como o Banco de Terras ou o Contrato de Exploraçom Substentável que tinha entre os seus objetivos precisamente impulsionar sistemas de produçom gadeiros, também no leite, mais substentáveis em termos ambientais mas também económicos, é dizer, menos dependentes da compra de insumos externos e que se apoiassem mais nos recursos produzidos na própria exploraçom. Umhas políticas paralisadas ou abandonadas a partir de 2009.

v: Este ano é o último para o que a Conselharia do Meio Rural publicou as contas económicas da agricultura galega.

observamos o forte encarecimento do preço do concentrado para vacum de leite e carne, coincidente com as altas nas quotizaçõs internacionais. No caso concreto das exploraçõs lácteas, o núcleo central da agricultura profissional galega, a compra de alimentos é a principal partida dos custos das exploraçõs. Nom esqueçamos que umha elevada percentagem das que se mantem em activo aumentárom a sua produçom e a intensificárom, com um forte incremento da produtividade dos animais (produçom/vaca) e do consumo de alimentos concentrados, devido em parte às limitaçõs na superfície (Fernández-Lorenzo, B. et al., 2009).

Segundo os dados do programa de gestom de exploraçõs de leite da Conselharia do Meio Rural em 2009, último ano do que se publicárom os dados, a compra de alimentos para o gado representava 38% dos custos totais das exploraçõs, sem contabilizar os custos de oportunidade (Barbeyto, F. e López, C., 2012). Agora bem naquela altura o preço do concentrado era notavelmente inferior ao que tiveron que afrontar as explotaciõs posteriormente (gráfica 3). A imagem que mostram as exploraçõs integradas na rede European Dairy Farmers é sem dúvida preocupante (Barbeyto, F. e López, C., 2012). A comparaçom entre as 11 exploraçõs galegas desta rede em 2009 e as 280 do conjunto da UE evidenciam que os custos da compra de alimentos som superiores na Galiza - 3'4 cêntimos/kg de litro-. Estes dados mostram umhas exploraçõs com umha maior carga gadeira, mais dependentes da compra de concentrados (6,9 kg concentrado/vaca e dia na Galiza frente a 6'3 na média da UE) e que fam um uso menos eficiente desse concentrado (3'1 kg de leite produzido por cada kg de concentrado consumido na Galiza frente a 4,1 na UE). Isto torna ao principal sector da agricultura galega (que nas últimas décadas manteve um maior dinamismo e ocupa umha parte muito importante da SAU) altamente sensível às variaçõs da relaçom entre o preço de venda do leite e o preço de compra do concentrado. Nun cenário marcado pola eliminaçom do sistema de quotas, pola maior vinculaçom do mercado comunitário aos mercados internacionais das commodities lácteas e polo deterioro da relaçom entre o preço de venda do leite e o preço dos principias inputs da produçom láctea, o reforço da viabilidade das exploraçõs lácteas exige um esforço no controlo dos custos de produçom.

Conclusiõs

Galiza mostra umha preocupante dependência alimentar do exterior tanto para o abastecimento da sua populaçom como para a alimentaçom da sua cabana gadeira. Questom que ademais de lastrar os resultados da balança comercial está pondo em risco a viabilidade dum importante sector da economia: a produçom gadeira.

Por outra parte, os dados expostos ponhem de manifesto que esta nom é umha situaçom conjuntural senom que desde finais dos anos 90 o saldo da balança exterior agroalimentar é cada vez mais negativo. Se bem esta pode ser umha tendência que obedece a dinâmicas comuns a

outras economias vizinhas como podem ser a evoluçom dos modos de consumo (maior demanda de produtos alimentares industrializados) ou a concentraçom da distribuiçom de alimentos, em Galiza a situaçom agrava-se por fatores próprios.

Os fatores próprios que explicam esta dependência têm que ver por umha parte, com o escasso desenvolvimento da indústria agroalimentar, explicado pola posiçom periférica da Galiza na divisom internacional do trabalho da agroindústria. E por outra com as características e resultados do processo de *modernizaçom* da agricultura galega. O ajuste agrário implicou umha forte reduçom de produçõs vegetais tradicionais e umha marcada especializaçom gadeira com umha crescente integraçom mercantil das exploraçõs que modificárom completamente a tecnologia produtiva empregada. Mas ao tempo que o sector agrário mudava drasticamente o processo produtivo, persistiu um déficit na base territorial das exploraçõs que impossibilitou para boa parte das mesmas a escolha de modelos menos intensivos e dependentes.

O bloqueio no mercado de terras, a falta de ordenaçom territorial, ou a carência de políticas publicas destinadas a favorecer o aproveitamento produtivo das terras, som responsáveis do escasso peso da SAU dentro da superfície total galega. Usos florestais nom ordenados e abandono estám lastrando os resultados do sector agrário e ao mesmo gerando problemas ambientais cuja manifestaçom mais visível som os incêndios.

Agradecimentos Queremos expresar o nosso agradecimento às suxestiõs feitas pólos revisores que contribuírom á mellora do presente artigo.

Bibliografía

- Barbeyto, F y López, C. (2012). *Resultados técnico-económicos das explotaciõs de vacún de leite en Galicia en 2009*. Xunta de Galicia
- CMR (s.d.) (2006). *Anuario de Estatística Agraria 2005*, D.G. de Investigación, Tecnoloxía e Formación Agroforestal. Consellería do Medio Rural.
- Golay, C. (2009). *Direito à alimentaçom e acceso à justiça. Exemplos em nível nacional e internacional*. FAO, Roma.
- FAO (2011). *El estado de la inseguridad alimentaria en el mundo 2011*. FAO, Roma.
- García Arias, A.I.; Pérez-Fra, M. (2001). Análise e evolución da aplicaciõn en Galicia do programa de axudas á forestaciõn de terras agrarias. Em *Revista Galega de Economía*, vol. 10,1: 151-176.
- Goodman, D., Sorj, B. e Wilkinson, J. (1987). *From Farming to Biotechnology: A Theory of Agro-Industrial Development*. Basil Blackwell, New York.
- Fernández-Lorenzo, B.; Dagnac, T.; González-Arráez, A., Valladares, J.; Pereira Crespo, S. y Flores, G. (2009). Sistema de producciõn de leche en Galicia Evoluciõn y estado actual. Em *Pastos: Revista de la Sociedad Española para el Estudio de los Pastos*, Vol. 39-2: 251-294.

- Graziano da Silva, J. e Tavares, L. (2008). Segurança alimentar e a alta dos preços dos alimentos: oportunidades e desafios. Em *Segurança Alimentar e Nutricional*, 15,1:62-75.
- Leontief, W. (1986). *Input-Output Economics*. Oxford University Press. 2nd edition.
- López Iglesias, E. (1996). *Movilidad de la tierra y dinámica de las estructuras agrarias en Galicia. Análisis de los obstáculos que han frenado durante las últimas décadas las transformaciones en la estructura dimensional de las explotaciones*. Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación. Secretaría General Técnica, Madrid.
- LLano Verduras, C (2004). *Economía Sectorial Y Espacial: El Comercio Interregional En El Marco Input-Output*. Tesis Doctoral. Instituto de Estudios Fiscales.
- Maluf, R.S. (2000). O novo contexto internacional do abastecimento e da segurança alimentar. Em Belik, W. e Maluf, R.S. (org.), *Abastecimento e segurança alimentar*, Unicamp-CPDA.
- Rastoin, J-L. e Ghersi, G. (2010). *Le système alimentaire mondial : concepts et méthodes, analyses et dynamiques*. Quae, Paris.
- Valdês, B. e López, E. (2008). *Análise do complexo de produción agroalimentario galego a través das táboas input-output*. CIEF-Fundación Caixa Galicia.